



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 138-157

O resgate da existencialidade adolescente: o Plantão Psicológico e suas possibilidades

The rescue of adolescent existentiality: the Psychological Duty and its possibilities

Emanuel Herbert Elias Alencar

Janderson Costa Meira

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso realizado no plantão psicológico em uma escola pública na cidade de Manaus e compreender a dimensão da existencialidade a partir de conceitos de Merleau-Ponty. É um estudo sob o viés qualitativo em que para a análise das falas foi realizada a adequação aos pressupostos do método fenomenológico-psicológico de pesquisa em psicologia. Participou uma adolescente do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral em Manaus, acompanhada pelo plantão psicológico. Vários elementos foram trazidos em sua fala que caracterizam seu silenciamento, sua dor e seu sofrimento, carregada pelo viés da culpa desde sua infância, e que se perpetuou na sua adolescência. O plantão psicológico possibilitou a expressividade do sentir e do perceber, a adolescente apropriou-se de si mesma e sua história e conseguiu compreender que a partir do olhar para si mesma é que estava a possibilidade do auto encontro.

Palavras-chave: Plantão psicológico, adolescência, escola pública, existencialidade.

Abstract

The objective of this work is to present a case study carried out in the psychological shift in a public school in the city of Manaus and to understand the dimension of existentiality based on Merleau-Ponty's concepts. It is a study under the qualitative bias in which, for the analysis of the speeches, the adaptation to the assumptions of the phenomenological-psychological method of research in psychology was



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

carried out. A teenager from the 9th grade of elementary school at a full-time public school in Manaus participated, accompanied by the psychological shift. Several elements were brought in her speech that characterize her silencing, her pain and her suffering, carried by the bias of guilt since her childhood, and which was perpetuated in her adolescence. The psychological duty enabled the expressiveness of feeling and perceiving, the teenager appropriated herself and her story and was able to understand that the possibility of self-encounter was based on looking at herself.

Key-words: Psychological duty, teenagers, public school, existentiality.

Introdução

Olhar a adolescência na contemporaneidade significa redimensionar o que tem sido trazido à produção científica no decorrer do tempo. Contudo, a vivência dessa fase do desenvolvimento tem apresentado uma série de mudanças e, dessa forma, necessita de ações que possam ir mais além das perspectivas até agora fomentadas. Nesse sentido, foi elaborado o plantão psicológico nas escolas de ensino fundamental e médio na cidade de Manaus.

O olhar do Plantão Psicológico

O plantão psicológico realizado nas escolas de ensino fundamental e médio na cidade de Manaus, tem como objetivo o acolhimento, a escutar e o cuidado com esse adolescente que chega com sua demanda emergencial. O PP é uma forma de atuação do psicólogo no ambiente escolar, pois leva os indivíduos a trazer a angústia em um espaço de acolhimento, muitas vezes não há espaços para serem externadas no ambiente escolar, o olhar atribuído pelo outro, para com esses jovens, é de tamanha importância para eles que acabam por se lançarem em sua inautenticidade, no movimento de silenciamento de si, e de suas possibilidades, sua corporeidade é silenciada.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo Doescher & Henriques (2012), o Plantão Psicológico é uma intervenção psicológica que busca acolher o indivíduo em um momento de emergência, auxiliando-o a lidar melhor com seus limites e recursos. Sendo assim, orientando-as a buscar o sentido de sua existência através da compreensão de seu sofrimento.

O Plantão Psicológico é um movimento psicológico que acolhe a pessoa no exato momento de sua urgência, ajudando-a a lidar melhor com seus recursos e limites. Desta forma, o objetivo de um Plantão é prestar atendimento emergencial à demanda, acompanhando a pessoa em busca do sentido de existência por meio da compreensão de seu sofrimento, sem, contudo, garantir alívio ou um viver baseado na experiência de prazer imediato e presente (Chaves & Henriques, 2008).

As atividades são realizadas por plantonistas diariamente, em ambiente previamente destinado à tarefa, escuta ativa da demanda emergencial trazida pelo adolescente sob o viés da teoria fenomenológico-existencial. O número total de aconselhamentos é de 5 sessões.

De acordo com Perches & Cury (2013), ao propiciar à pessoa uma visão mais clara e abrangente de si e suas perspectivas frente às suas questões, promovendo o autoquestionamento, o posicionando frente aos seus conflitos e o poder de fazer escolhas, o psicólogo está, desta forma, promovendo saúde e possibilitando um resgate da própria identidade. Neste contexto, o tempo que surge é também o das possibilidades, do encontro com outro e consigo mesmo.

A partir daí, avalia-se a necessidade de acompanhamento psicoterápico e o adolescente é encaminhado à rede de apoio como parte do projeto. Conclui-se sobre a necessidade de atividades desta natureza no sentido de possibilitar ao adolescente reflexões sobre seu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ser-si-mesmo e suas relações humanas geralmente comprometidas e fomentadoras de dor e sofrimento.

O objetivo é compreender as várias dimensões presentes nas vivências cotidianas dos adolescentes aí matriculados e têm causado sofrimento emocional e existencial nessa parcela da população, muitas vezes resultando o que foi coletado de abril até este momento: configurações relacionais disfuncionais, violência doméstica exacerbada a ponto de causar interferências sérias no processo ensino-aprendizagem, vivência da sexualidade no que tange à identidade de gênero resultando em dor e sofrimento pelo experienciar o não-respeito a partir do julgamento infreme, preconceito e discriminação, atitudes autodestrutivas e auto lesivas, crises de ansiedade e angústia contínua provocando baixíssimas autoimagem, autoconceito e autoestima.

As atividades são realizadas por plantonistas diariamente, em ambiente previamente destinado à tarefa, escuta ativa da demanda emergencial trazida pelo adolescente sob o viés da teoria fenomenológico-existencial. O número total de aconselhamentos é de 5 sessões.

Sapienza (2020) diz que a pessoa que procura pelos serviços da Psicologia é aquele que "se aflige pelas escolhas que tem que fazer; sofre por suas perdas; têm que se haver com seus amores e desamores; se angustia diante da finitude e não tem como não se preocupar com sua vida" (p. 48).

A partir daí, avalia-se a necessidade de acompanhamento psicoterápico e o adolescente é encaminhado à rede de apoio como parte do projeto. Conclui-se sobre a necessidade de atividades desta natureza no sentido de possibilitar ao adolescente reflexões sobre seu



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ser-si-mesmo e suas relações humanas geralmente comprometidas e fomentadoras de dor e sofrimento.

O intuito deste trabalho é apresentar um estudo de caso realizado no plantão psicológico em uma escola pública na cidade de Manaus e compreender a dimensão do vivido a partir de conceitos de Merleau-Ponty.

A Fenomenologia de Merleau-Ponty

Pode-se ainda responder à questão inicial: o que é a fenomenologia? - Ela é antes de tudo método, um método para modificar nossa relação com o mundo, para dela se tomar uma consciência mais aguda. Mas ao mesmo tempo e por isso mesmo, ela já é certa atitude face ao mundo ou mais exatamente certa atitude em face de nossa relação com o mundo. A fenomenologia combina a ruptura a mais radical com nossa atitude primeira e natural face ao mundo (nesse sentido, ela é ascese do espírito) e o aprofundamento ou a consagração dessa atitude original (nesse sentido, ela é observância do real e engajamento no mundo). A consciência toma suas distâncias relativamente às coisas, ela se dá toda liberdade a seus aspectos, mas não se percebe imediatamente, que é por ser mais fiel a nossa inserção essencial no mundo. A redução do mundo é para a consciência uma forma indireta de assumi-lo mais plenamente, de assumir o sentido do mundo (Thevenaz, 2017).

Merleau-Ponty (2011) afirma que tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de visão minha ou de uma experiência do mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. O universo da ciência é construído sobre o mundo-vivido e, se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

primeiramente, despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda.

É com o corpo que aprendemos as coisas ao nosso redor, conforme, aparecem situações que vivenciamos. A presença no mundo é uma presença corporal. Não citamos o corpo na noção cartesiana, corpo-máquina, mas ao corpo-vivido ou corpo-próprio, atribuído de pretensão e onde aparecem nossas ações inéditas. Para Merleau-Ponty (2011), o conhecimento do outro possibilita o conhecimento de si. O eu e o outro estão mutuamente envolvidos em uma relação de trocas. É nesse momento que o pensamento avança na compreensão da relação eu-outro. Contudo, isso não se dá em uma perspectiva a partir de uma intersubjetividade ou a partir da consciência intencional, mas a partir da experiência do corpo pela intercorporeidade: o eu e o outro são órgãos de uma mesma intercorporeidade.

Compreendemos que estamos inseridos no mundo corporalmente, ou seja, nossa relação com o outro, cultura, natureza, são mediada primordialmente pelo nosso corpo. Antes do corpo ser um objeto, o corpo é nosso modo próprio de ser-no-mundo. É o corpo que realiza a abertura do homem ao mundo, colocando-o em situação: “O corpo é nosso meio geral de ter o mundo” (Merleau-Ponty, 2011, p. 203).

No corpo relacional é que se pressupõe o sentido, em um mundo compartilhado, envolvido e que se permite envolver em linguagens expressivas e culminam em percepção compreensiva e dialógica (Merleau-Ponty, 2014).

Adolescer

A palavra adolescência é derivada do latim *adulescens* ou *adolescens* que significa crescer. Porém, a adolescência, entendida



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como um período particular da vida humana, situado entre a infância e a idade adulta, é recente na história da humanidade (Coutinho, 2009). Essa ideia nasce apenas a partir do século XVIII. Antes dessa compreensão, o indivíduo passava direto da infância para a idade adulta, a partir dos primeiros sinais de independência, e ingressava plenamente no mundo adulto, participando de todas as suas atividades sociais (Ariés, 1981).

Em meio às atividades de plantonista, vemos a necessidade de ser com o outro, em sua forma mais genuína, e com esta mesma perspectiva é que vemos o adolescer. esse jovem que chega até nós, por muitas vezes, carregando o fardo de ter de deixar de ser criança, para poder ser adolescente. o que gera um movimento intenso de ansiedade e culpabilização, o que de fato é ser adolescente? e que por tantas vezes leva o jovem a culpabilizar-se numa busca contínua de entender como é ser adolescente. Considerando as divergências e as convergências teóricas em relação ao desenvolvimento do adolescente, a adolescência é hoje entendida como um período que se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias & Silveiras, 2010).

O adolescente está sujeito a diferentes possibilidades de vivência que dependem dos espaços sociais nos quais ele está inserido, e qualquer forma de se pensar infância e adolescer sem o desenvolvimentismo já se torna um desafio, e dentre esses olhares, vejo que teremos então um grande desafio já que o processo de desenvolvimento tende a ser muito determinista para o futuro desse jovem, baseando-se no decorrer dela, e para isso é que buscamos então um olhar para além do desenvolvimentismo, trazemos a esse jovem, como é ser adolescente dentro de suas próprias vivências.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Possibilitar que esses jovens enxerguem suas dimensões de vivido a partir de suas próprias perspectivas, colocando junto a eles o olhar sobre si e sobre o outro, para assim caminharmos juntos, tem causado grande impacto em suas vivências, e mostra a eles suas possibilidades de compreensão sobre seu cuidar.

Castro (2021) revela que cuidar vai além do zelo e do desvelo. É um permanecer junto a, experienciando o ser-com em sua magnitude. É auto desvelar-se!

Portanto, compreender essa diversidade de dimensões é mergulhar nas suas vivências, é possibilitar um movimento de cuidado, é ser-no-mundo.

Método

O presente estudo teve como viés o aspecto qualitativo em pesquisa que, de acordo com Minayo (2015) corresponde a aspectos muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, associando-se ao espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a uma interação de variáveis. A abordagem qualitativa imerge no mundo de significados e de relações humanas, tendo como objetivo central a compreensão da realidade humana, detentora de crenças, valores, atitudes e hábitos. O significado seria o conceito central desse tipo de estudo, trabalhando vivências, experiências e a cotidianidade (Minayo, 2015; Giorgi & Sousa, 2010).

O estudo de caso nos permite aprofundar em nuances e detalhes da situação-foco (Castro, 2019), neste caso, trata-se do acompanhamento, em 5 encontros realizados com uma adolescente



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que carrega o suicídio de uma mãe, a culpabilização por sua família, o não reconhecer de si enquanto pessoa, definida por aqueles a sua volta e em busca de encontrar seu olhar para si.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser mensurados, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais (Minayo, 2014; Fonseca, 2002). Esse tipo de pesquisa é focada nos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2015) do ser, por meio do método fenomenológico. É privilegiada pelo fato de ser o melhor meio para a compreensão da vivência das pessoas.

A cada encontro, com duração de mais ou menos 60 minutos, em sala previamente determinada, horário vespertino, a adolescente de 14 anos, do 9º ano do Ensino Médio, foi acolhida em sua demanda pelo plantonista e, a partir daí, a escuta ativa foi implementada com o objetivo de compreender as várias dimensões existenciais. Após cada um desses momentos, foram elaborados os relatos em formulário criado para a atividade e, em seguida, discutido em supervisão.

É um viés qualitativo de pesquisa, uma vez que, buscamos compreender crenças, valores, sentido da vivência (Minayo, 2015; Pereira & Castro, 2019) utilizando parâmetros do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia em seu caráter descritivo e exploratório (Giorgi & Sousa, 2010; Pereira & Castro, 2019). Em seguida, foi realizada a imbricação com alguns constructos elaborados por Maurice Merleau-Ponty, especificamente na obra Fenomenologia da Percepção (2011).

Participante: adolescente de 14 anos, gênero feminino, 9º ano do Ensino fundamental, raça branca, cabelos tingidos, estatura mediana e trouxe como demanda o não reconhecimento de si, a falta de olhar, a vivência a partir do olhar do outro, a retirada de uma autenticidade, a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

dor causada por seus familiares, em destaque por uma morte, uma morte a qual ela não entendia.

Periodicidade: 5 encontros.

Local: sala do grêmio estudantil.

Turno: vespertino.

Análise dos dados: Os pesquisadores optaram por apresentar algumas falas da adolescente coletadas durante o atendimento, o que resultou em uma adaptação do método proposto por Giorgi & Sousa (2010) e Pereira & Castro (2019), no sentido de que as falas mais significativas seriam utilizadas como Unidades de Significado (2º passo do método proposto). Em seguida, caracterizamos o 3º passo que é a transformação das Unidades de Significado em uma perspectiva psicológica, o que equivale ao que esse outro está querendo me dizer naquilo que diz? O que consubstancia sua fala? O que trouxe sua linguagem?

Logo em seguida foi realizada a imbricação das falas identificadas com a perspectiva teórica de Maurice Merleau-Ponty.

Resultados e Discussão

É trazido, neste momento, o manejo realizado com a adolescente, utilizando o material abaixo.

F. tem 14 anos, está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental; órfã de mãe, mora com a avó e o bisavô; o pai distanciou-se da menina e a mãe se suicidou por enforcamento na frente dela aos 2 anos de idade. Relata que não consegue confiar nas pessoas, mostrando-se relutante em expor sua fala. Por exemplo, houve um intervalo de mais ou menos 30 minutos, imperando o silêncio. Contudo, ao ser informada que a atividade ali desenvolvida priorizava o aspecto ético relativo à relação em Psicologia, ou seja, a manutenção do sigilo profissional



que, pelo nosso olhar, é fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer ação, iniciou sua fala menos temerosa:

“Por que tudo é minha culpa? Eu cuido das pessoas, não quero que cuidem de mim, não quero que me vejam como fraca” (**F. aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Como é ser F. ?, foi a pergunta feita pelo plantonista diante da sua resposta. Por conseguinte, ela respondeu:

“É muito difícil, não consigo explicar, eu nem sei como é ser F., sei que gosto de desenhar, só tenho vergonha de mostrar eles” (**F. aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Algo ressalta neste início de relação: o olhar que é lançado sobre si mesmo é diretamente proporcional ao olhar que lança sobre o olhar do Outro. Observa-se, como diz Castro (2021) que ao direcionar meu olhar para o que acredito que ele julga de mim, o retorno de meu olhar sobre mim é distorcido, sob o viés da menos valia, da impossibilidade em ser quem me tornei.

O plantonista faz referência aos desenhos que F. disse gostar de fazer. Comentar sobre os desenhos fez com que a adolescente criasse interesse em trazê-los para que pudessem discutir sobre sua criação. Curiosamente relata ao plantonista:

“Meu desejo é sentir, viver e me abraçar, olhar para mim mesma, me reconhecer” (**F. aconselhamento realizado em junho, 2022**).

Atentividade. Momento de muita atentividade. A adolescente não se reconhece como sendo ela mesma. As situações de abandono, perdas significativas, não conseguiram se permitir que o Outro exerça cuidado com ela a distanciou de ser quem ela é. Amparando-nos em Merleau-Ponty (2011) pode-se afirmar que a percepção do ser-si-mesmo está comprometida a tal ponto que não consegue vislumbrar como é ser a pessoa que se tornou.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Pode-se pensar, a partir desse excerto de discurso na proposta de uma existencialidade tergiversa, que significa o não-olhar para si mesmo em virtude a uma sequência de correspondências ao que o outro quer, ao que o outro deseja, ao que eu considero que seja importante para o outro.

Foi solicitado a F. que fizesse um desenho seu olhando-se no espelho. Ao retornar, havia feito a tarefa, elaborou o desenho e foi declarando

Essa é F, sendo no momento o que disseram que sou e não quem ela quer ser (**F. aconselhamento realizado em junho, 2022**).

O olhar sobre o outro e sobre o olhar do outro tangencia o cotidiano de F. O não reconhecer-se é algo muito presente no discurso da adolescente. É o não reconhecimento do corpo que é ela mesma, como diz Merleau-Ponty (2011) vivenciamos nosso mundo a partir de nosso corpo inserido nas mais variadas situações que vem até cada um de nós. Entretanto, esse corpo adolescente não se reconhece como esse mundo.

No encontro subsequente, F trouxe a pasta de desenhos e lança um desafio ao plantonista

Essa é minha pasta de desenhos, quero que você leia todos eles, existe um segredo. Se você descobrir, eu te mostro o meu (**F. aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Ao lançar esta pergunta, percebe-se o que Castro (2021) preconiza como **en-contro**, onde a relação está fundada na confiança e no vínculo afetivo. Essa fala vem ao encontro dessa concepção, onde há duas pessoas que buscam aprender sobre si mesmas.

O conjunto de desenhos é surpreendente. Todos os desenhos mostram assassinato, famílias mortas em cores predominantes: preto, vermelho e cinza. Há mãos em todos os desenhos, escondidas e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sempre em locais que representam saídas. Indicada a questão das mãos, responde:

“Sim, são as mãos, eu acredito que quando precisamos de ajuda sempre oferecemos e recebemos a mão de alguém, você não acha?” **(F. aconselhamento realizado em maio, 2022).**

Entretanto, havia algo a mais nos desenhos. Uma pessoa sempre era desenhada em partes escuras com uma corda em seu pescoço.

“Não sei quem é [...] mas sempre está aí, em todos eles” **(F. aconselhamento realizado em maio, 2022).**

Ficamos acordados de que F. iria conversar com sua avó para que falassem mais sobre sua mãe biológica, e assim no encontro seguinte F. nos trouxe:

Eu descobri, aquele desenho é a minha mãe. Minha avó contou que eles me encontraram sentada no chão olhando para ela, enforcada na minha frente. Agora eu quero falar sobre meu desenho, finalmente entendi o que está lá **(F. aconselhamento realizado em junho, 2022).**

A pluridimensionalidade da escuta! Ao ser indicado que conversasse sobre a mãe, F. recebe a informação de que fora encontrada olhando para a mãe que havia se enforcado. Explica-se o contínuo quadro entre seus desenhos de alguém na força.

Retornando ao desenho que elaborou diante do espelho era de uma F. ‘sem olhos, apenas um sorriso dolorido e em volta dela diversas palavras ditas por outros, nenhum escrita pela própria F. Apenas o olhar daqueles que a machucaram tanto e na fala dela “você não deveria existir, você é quem deveria ter morrido, você não serve para nada, é uma grande perda de tempo”. E assim, ao ler sua arte F. revela:.



Eu tento, eu queria enxergar a F. que meus amigos vêem, é como se eu fosse apenas, apenas para eles, uma grande heroína, que sempre irá nos salvar. Mas a verdade é que eu tô cansada de não me enxergar, eu quero encontrar a F. que você [plantonista] perguntou como era **(F. aconselhamento realizado em junho, 2022)**.

Plantonista: Você parece cuidar muito bem de seus amigos, não é mesmo?

Eles sempre me enxergam como um super herói, sempre disposto a ajudar eles, mas eles não sabem como me sinto, eu sou herói de todos, só não de mim (F.aconselhamento realizado em junho, 2022).

O plantonista solicitou para a menina levantar no X, marcado no centro da sala de aula. Esse X representa a essência e todas as linhas à sua volta seriam as facticidades, os eventos que ocorreram em sua vida. Em seguida, o plantonista explicou que leria cada palavra escrita em seus desenhos e, em cada palavra com a qual se identificasse ela desse um passo para trás, afastando-se, assim, de sua essência definida pelos outros e não por ela mesma.

Em seguida, frases foram elaboradas como afirmação e como questionamento. F deveria dar um passo à frente toda vez que o plantonista falasse uma frase na qual ela quisesse estar [ela havia dito que gostaria de aprender a sentir, a ter sentimentos, criar laços, sentir-se segura consigo mesma].

Conforme as questões eram trazidas, F dava um passo de cada vez, em alguns momentos passos largos, em outros passos mais curtos. F retorna à sua essência, mas não havia pisado no X ainda. Então o plantonista falou a ela que ele mesmo falaria quem era e dirigiu-se à adolescente: "F. eu irei ajudar você a se sentir melhor". Deu



mais um passo e falou: “F. acredito que você é uma artista incrível” e deu mais um passo, aproximando-se dela estendeu o braço com o punho cerrado e falou: “toque aqui”. Embasado em quê esse movimento do “toque”?

Quando F. entrou na sala, uma colega trouxe sua bolsa e foi observado que havia broches e botons de animes como Naruto, ataque aos Titãs, Banana Fish e outros. Porém, em especial em Naruto, tocar o punho cerrado de outro colega significa entender o seu coração, apoiá-lo, entender que existe uma força dentro dele e que ele quer lutar.

Assim que F. tocou o punho cerrado do plantonista, este último abriu a mão e estendeu para ela. A adolescente abriu o olho em expressão de surpresa e falou:

Eu entendi! Entendi o que aconteceu aqui! Eu vou conseguir fazer isso é o que eu quero para mim como F., preciso abraçar a F. que tá dentro de mim a F. de verdade por mim mesma, já chega de fazer pelos outros, eu preciso me sentir bem. Eu quero encontrar a F. Eu quero que ela fique bem, eu entendi, vou caminhar e mesmo que em passos curtos mas eu vou encontrar ela, e você só está aqui para me mostrar que eu posso, obrigada, muito obrigada. "Eu entendi, eu entendi, você está aqui comigo e eu não preciso mais fingir que eu tô bem, eu quero encontrar a F. **(F. aconselhamento realizado em junho, 2022)**.

Como ressalta o plantonista em seu relato:

Sentamos, sorrimos, e ao continuar o aconselhamento pedi para F sempre lembrar-se que o seu olhar é de valor gigantesco para ela e que nada poderá afastá-la de si, pois apenas ela caminha com F.

O movimento apresentado neste estudo é o de não reconhecimento de si, a falta de olhar em sendo quem é, nos mostra o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quão dolorida é a vivência a partir do olhar do outro, a retirada da autenticidade, a dor causada por aqueles que me silenciam ao me afastar de quem sou. São ações que atingem diretamente a mim, a meu corpo, elemento fundamental de minha relação com a experiência na qual estou imerso. .

Considerando o que nos diz Merleau-Ponty (2011), nós somos corpo e este é referência para a experiência com as coisas no mundo. É no corpo que encontramos nossa referência de mundo. Precisamos compreender que nosso corpo é um referente necessário e indubitável para a constituição das coisas, é a parte do eu que empregamos para ter uma experiência de mundo. O corpo é o centro de orientação do grupo. Considerando o caso em estudo, quando a adolescente compreende que o plantonista a acompanha, ela percebe que a vida, o mundo, a percepção do entorno residem nela. A partir dela enquanto corpo é que os sentidos do mundo vão ser referenciados, compreendidos.

A culpabilização em que fora lançada por seus entes mais próximos, a sensação de que os outros a olham como heroína, levam-na a lançar para si mesma a concepção de que não sente, não tem sentimentos, não se vê, não se encontra. É um corpo que grita de forma desesperada o seu não reconhecimento. Amparados em Merleau-Ponty (2011), essa vivência vem ao encontro da acepção de que o corpo se encontra na base de todas as funções do que chamamos consciência, uma vez que dá sentido não apenas à constituição das coisas e dos próprios sentidos, mas também aos atos de valoração, às escolhas, ao que é chamado de subjetivo.

Considerações finais

Presentificar-se! O plantão psicológico possibilitou a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

expressividade do sentir e do perceber, propiciando a adolescente apropriar-se de si mesma e sua história, possibilitando que pudesse ir além do que estava sendo imposto pelo entorno no qual estava inserida.

Tomou para si a responsabilidade, e na busca para encontrar F. compreende que a partir de si mesma, do próprio olhar de cuidado é que conseguiria atingir a revelação que estava procurando, o ser-si-mesma. E, a partir daí perceber-se como um ser possível no que tange às suas escolhas e tomada de decisão.

Ao buscar o Plantão Psicológico, F., desperta para a necessária busca de si mesma, compreende-se com possibilidade de olhar à sua volta e entender que o olhar de cuidado sobre si mesma é o fundamento para enxergar-se verdadeiramente, sem justificativas ou olhares oriundos do externo.

Tornar-se a pessoa que gostaria de ser não representa apenas atingir o X, mas compreender as várias dimensões de seu viver, e nisto incluídos, obviamente, as configurações relacionais pelas quais transita cotidianamente. Mas, para além disso, é F perceber que a caminhada e o caminhar lhe pertencem; que não precisa colocar-se em lugar de precisar de comiseração ou outro sentimento nessa envergadura, mas que é a partir do olhar que lança para si que a vida tenderá, sempre, a mostrar-se em sua pluridimensionalidade de sentidos.

Referências

- Aries, Phillippe. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Editora S.A.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico* *Quaderns de Psicologia*, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017). *A filosofia de Martin*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.). *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021). Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* - Editora Dialética.

Coutinho, Luciana Gageiro. (2009). Adolescência, cultura contemporânea e educação. *Estilos da Clínica*, 14(27), 134-149.

Doescher, Andréa Marques Leão; Henriques, Wilma Magaldi. (2012) *Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência*. *Psicologia em Estudo*, 17(4): 717-723, out.-dez.

Chaves, Priscila Barros & Henriques, Wilma Magaldi (2008). Plantão psicológico: De frente com o inesperado. *Psicologia Argumento*, 26(53), 151-157.

Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Fim de século.

Merleau-Ponty, Maurice. (2011). *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2015) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Perches, Tatiana Hoffmann Palmieri & Cury, Vera Engler (2013) Plantão psicológico em hospital e o processo de mudança psicológica. *Psic.: Teor. e Pesq.* 29 (3) Set <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000300009>.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) Pesquisa fenomenológica: o método de pesquisa In: Castro, Ewerton Helder Bentes (Org.) *Práticas de pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. Appris, p. 15-32.

Sapienza, Bilê Tatit (2020) *Do desabrigo à confiança: Daseinanalyse e terapia*. Escuta, 3ª ed.

Schoen-Ferreira, Teresa Helena; Aznar-Farias, Maria & Silveiras,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Edwiges Ferreira de Mattos (2010) Adolescência através dos séculos. *Psic.: Teor. e Pesq.* 26 (2) Jun
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>

Thevenaz, Pierre (2017). O que é a fenomenologia? A fenomenologia de Merleau- Ponty (1952). Rev. NUFEN, Belém , v. 9, n. 2, p. 169-176,

Recebido em 10.11.2022 Aceito em 15.12.2022 Publicado: 01-01-2023

Autores

Emanuel Herbert Elias Alencar

Graduando em Psicologia na Escola Superior Batista do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Coordenador de comunicação da Rede de mulheres indígenas do estado do Amazonas Makira E'ta. Bolsista da Geração Zelo- Movimento Saber lidar, em parceria com Unicef Brasil (ASEC-UNICEF). E-mail: alencaremanuel1998@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5659-8422>

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Faculdade Santa Teresa. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>